

GRAJAÚ

Encantadora
paisagem
urbana
que resiste

A região, onde hoje se situa o Grajaú, fazia parte de uma grande sesmaria, conhecida como Andaraí Grande, doada aos jesuítas no século XVI para o cultivo da cana-de-açúcar. No final do século XIX, o Andaraí Grande se desmembrou nos nascentes bairros de Vila Isabel, Aldeia Campista e Grajaú. Na origem deste último estão as fazendas de Antônio Grande e as dos Cardoso.

Como seu bairro vizinho Vila Isabel, o Grajaú é um dos poucos bairros planejados da cidade do Rio de Janeiro. Sua implantação data das primeiras décadas do século XX, quando a fazenda dos Cardoso foi adquirida pela Companhia Brasileira de Imóveis e Construções, que começou a erguer suas primeiras edificações na região como Vale dos Elefantes, ao sopé do Maciço da Tijuca, próximo à Pedra do Andaraí, hoje conhecida como Pico do Papagaio.

O proprietário da Companhia era o engenheiro, arquiteto e paisagista Eugênio Richard, que planejou um bairro exclusivamente residencial e largamente arborizado, não permitindo ali a instalação de casas de comércio ou de cômodos. Homenageou o bairro com o nome de sua cidade natal, Grajaú, no Maranhão, bem como o seu estado dando a vários logradouros os nomes de seus rios e cidades – Gurupi, Mearim e Ibaiana. Cidades de Minas Gerais – Uberaba, Araxá e Juiz de Fora – também nomearam ruas, uma vez que muitos engenheiros daquele estado trabalharam na construção do bairro.

O loteamento, empreendido pela Companhia Brasileira de Imóveis e Construções, abrangeu as terras situadas entre a Serra do Engenho Novo e um caminho posteriormente denominado Rua Borda do Mato.

Além desse, houve outro grande loteamento: o Vila América, que abrangia os terrenos próximos à atual Rua Botucatu, mas seus incorporadores não adotaram os mesmos critérios urbanísticos do Engenheiro Richard.

O responsável pelas primeiras residências construídas pela Companhia Brasileira de Imóveis e Construções foi o italiano Francisco Tricárico, contratado em 1909. Cumpriro uma promessa de juventude, Tricárico, construiu, em 1918, no quintal de sua casa, a capela de N. S. da Imaculada Conceição que, durante a década de 20, foi o ponto de encontro dos moradores do bairro. Com a construção da igreja matriz de N. S. do Perpétuo Socorro, em 1931, a capela passou a funcionar em caráter particular, sendo aberta ao público somente no dia 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição.

Em 1925, para atender à demanda da juventude grajaúense foi fundada a primeira sede do Grajaú Tênis Clube.

A partir da segunda metade do século XX, o bairro – recanto com ares, ritmo e tranquilidade próprios à vida de uma cidade do

interior – não deixou de sofrer os impactos do crescimento desordenado do Rio de Janeiro. Novas construções, realizadas sem planejamento, afetaram sua paisagem, comprometendo sua estrutura urbana e sua infraestrutura, sobretudo os serviços de esgotamento sanitário. As ruas do bairro, inicialmente pavimentadas por paralelepípedos, foram asfaltadas no final da década de 1960.

Somam-se a essas questões, as relativas às ocupações irregulares dos morros que resultaram em deslizamentos e danos ambientais que atingiam, inclusive, o Parque Estadual do Grajaú, que abrange uma área de 55 hectares de mata atlântica sob proteção ambiental, onde a Pedra do Papagaio distingue a geografia do bairro. Sem contar a questão crucial da segurança pública.

Contudo, esse núcleo inicial planejado do Grajaú, embora em muitos aspectos alterado, resistiu bravamente com suas ruas abundantemente arborizadas; e suas edificações, datadas do início do século XX, preservaram muitas de suas características iniciais. Diríamos que, sobrevi-

veram, à proximidade do crescimento urbano desordenado.

Tanto é que o Grajaú permeia no imaginário do carioca como um lugar acolhedor, onde se pode ir e vir em passo menos afobado, e se viver numa dimensão mais humana o dia a dia de uma grande metrópole.

Sua principal via, a Avenida Engenheiro Richard, é dividida por um canteiro repleto de tamarineiras que, juntamente com as que margeiam a Avenida João Furtado, somam 207 árvores com uma média de 11 metros de altura e nove de diâmetro na copa, que receberam da prefeitura do Rio de Janeiro, o título de "Conjunto Extraordinário de Árvores da Cidade".

No centro do Grajaú está a Praça Edmundo Rego onde – além da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com suas características bizantinas – existe o Bar do Antônio, cujo inigualável pastel constitui um patrimônio imaterial do bairro e da cidade. E o "Enchendo Língua", sede colocada no concurso Comida de Buteco 2011, vai pelo mesmo caminho.

Por essas qualidades tão especiais, somadas à implantação das UPPS na região, o bairro tem sido cada vez mais valorizado. O momento não poderia, então, ser mais propício para que as circunstâncias da origem do Grajaú – como bairro planejado e, por isso, um recanto peculiar do Rio de Janeiro – estejam no centro da atenção daqueles que têm nossa cidade como objeto de estudo.

Afinal de contas, não estará nesse núcleo planejado a força que fez com o que o Grajaú, apesar de tudo, resiste às décadas difíceis?

Sônia Rebelo – professora do PV e professora titular de Direito Administrativo da UERJ